

**“PARA SER LIVRE... COMO O VENTO”: O CLÃ DAS ADAGAS VOADORAS E
O DEBATE SOBRE BIOÉTICA E FINITUDE***

**Rodrigo Siqueira-Batista¹, Julia Oliveira Fonseca²,
Alesson Filipi Bernini³, Andréia Patrícia Gomes⁴**

TO BE FREE ... AS THE WIND ': *HOUSE OF FLYING DAGGERS* AND DEBATE ON
BIOETHICS AND FINITENESS

RESUMO:

A morte e a finitude (M/F) são temas centrais na experiência humana de existir, estando presentes – implícita ou explicitamente – no saber-fazer das profissões da área da saúde. Dentre os diferentes modos para se lidar com o binômio M/F está a arte e, mais especificamente, o cinema. De fato, díspares filmes contemporâneos têm abordado distintas perspectivas da questão, tornando-se extremamente potentes para a reflexão sobre o processo de morrer. Com base nessas considerações, objetiva-se, no presente artigo, apresentar ensaio sobre os aspectos bioéticos do binômio M/F – a partir da delimitação no problema no âmbito da saúde pública – tomando como mote as narrativas *tecidas* na película *O clã das adagas voadoras*.

UNITERMOS: Bioética; Cinema; Fim da vida, Morte.

ABSTRACT

The death and *end-of-life* (D / E) are central themes in human experience there, being present – implicitly or explicitly – the know-how of the health professions. Among the different ways to deal with the binomial D / E is the art and, more specifically, the movies. Indeed, disparate contemporary films have addressed different perspectives of

* O presente artigo faz parte das atividades desenvolvidas no LabCine (Laboratório de Cinema), Programa de Extensão da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

¹ Médico, filósofo e Doutor em Ciências. Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; LabCine, Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

² Graduanda em Medicina, Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

³ Graduando em Medicina, Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

⁴ Médica e Doutora em Ciências. Laboratório de Cinema LabCine, Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

the issue, making it extremely powerful for reflection on the process of dying. Based on these considerations, the objective is, in this article, submit essay on bioethical issues binomial D / E – from defining the problem in public health – taking as his motto the narratives woven in the film *The House of Flying Daggers*.

KEYWORDS: Bioethics; Cinema; End of Life, Death.

INTRODUÇÃO

O fim da vida humana tem sido mote de inúmeras investigações acadêmicas. Há um crescente interesse da abordagem desse tema nos diferentes campos do conhecimento – especialmente a bioética – na tentativa de compreensão das implicações existenciais e éticas do processo de morrer, ao se reconhecer a morte como um fenômeno sociocultural e inerente ao vivente (COMBINATO, 2006). Não há, provavelmente, nenhuma experiência humana que possa ser comparada à morte. Em primeiro lugar, ela é única e *não repetível*, de modo a não permitir a ulterior tematização por parte de quem a vivencia. Em segundo lugar, provavelmente não há ser humano autoconsciente que, no decorrer de sua vida, não tenha, no mínimo, se preocupado com o próprio fim. Neste sentido, a filosofia ocidental pode ser vista como uma profunda reflexão sobre a finitude – em termos da heraclítica indissociabilidade entre vida e morte (fragmento 88): “*E como uma mesma coisa, existem em nós a vida e a morte, a vigília e o sono, a juventude e a velhice: pois estas coisas, quando mudam, são aquelas, e aquelas, quando mudam, são estas*” (KIRK *et al.*, 1994) – e da afirmação da vida – na perspectiva de que *filosofar é aprender a morrer*, como bem ensinado por Sócrates e Platão.

No âmbito da saúde – e, mais especificamente, da saúde pública – a questão da morte é temática sempre presente, explícita ou implicitamente, na teoria e na *práxis* dos profissionais da área. Dísparos são os elementos que respondem por esse contexto, mas cabe destaque a tendência de envelhecimento da população brasileira, tornada evidente a partir dos dados disponíveis no sítio do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). De fato, os idosos – pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003), somam 23,5 milhões no Brasil. Para que se tenha maior dimensão desses dados, torna-se útil comparar tais números aos registros de 1991, quando a população de anciãos contabilizava 10,7 milhões de pessoas; constata-se, assim, que o número mais do que dobrou (IBGE, 2010; WONG e CARVALHO, 2006). Tal fenômeno, observado no mundo inteiro, é originado, principalmente, da diminuição das taxas de fecundidade associada ao aumento da expectativa de vida. Com efeito, estima-se que em 2020 a população mundial acima de 65 anos superará, pela primeira vez na história, a população de crianças com cinco anos ou menos (WONG e CARVALHO,

2006). Deve ser enfatizado, igualmente, que a expectativa de vida de um brasileiro aumentou em 20 anos, desde a metade do século XX até os dias atuais.

O envelhecimento da população presentemente comentado se articula, em um contexto de transição demográfica, ao aumento da prevalência das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), as quais compreendem majoritariamente as enfermidades cardiovasculares, o diabetes *mellitus*, o câncer e as doenças respiratórias crônicas (DUCA *et al.*, 2010; MOTTA e AGUIAR, 2007), um fenômeno inscrito no bojo da transição epidemiológica. De fato, as DCNT são a maior causa de morte atualmente, representando 58,5% dos óbitos no mundo, segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil esse panorama se apresenta de forma similar (DATASUS, 2010). Essas moléstias têm destaque na discussão em tela, visto que são entidades mórbidas que trazem, muitas vezes, repercussão à vida, com possível diminuição de sua qualidade e, mais do que isto, podem resultar em um processo de morrer doloroso e lento (ALONSO, 2010; BRASIL, 2011).

O cenário apresentado – transição demográfica e epidemiológica – tem reverberações em distintas manifestações da cultura incluindo a arte e, ainda mais especificamente, o cinema. Tal é, por conseguinte, o mote manifesto em filmes como *A partida*, *Amor*, *As invasões bárbaras*, *Mar adentro* e *Menina de ouro*, entre outros, – e, de certa perspectiva, menos evidente em películas como *O clã das adagas voadoras*, a qual, entretanto, apresenta um cenário bastante interessante para a indagação sobre a finitude. Assim, pois, pensar o fim da vida – em uma perspectiva bioética –, a partir da bela narrativa do *Clã*, é o objetivo do presente artigo.

O CLÃ DAS ADAGAS VOADORAS: (BIO) ÉTICA E ESTÉTICA

O filme – com o título original de “*Shi mian mai fu*”, dirigido pelo cineasta chinês Zhang Yimou, – foi lançado no ano de 2004 (YIMOU, 2004). Tem duração de aproximadamente 119 minutos e mescla ação, drama e romance em seu roteiro.

A narrativa apresenta a sociedade chinesa, em conflito, no final da dinastia Tang – por volta do ano de 859 AD –, na qual diversos grupos – cujo mais prestigiado e poderoso é o Clã das Adagas Voadoras – se levantam contra o governo. Nesse contexto, Leo e Jin, dois soldados do exército governamental, receberam a missão de capturar o misterioso líder do Clã, pressuposto para que se encontrasse o esconderijo do grupo.

Para atingir o intento elaboraram um plano que foi colocado em ação: Jin se disfarça de um combatente solitário, dirigindo-se à casa na qual se hospeda Mei, dançarina cega e suposta filha do líder do grupo. Após pequena confusão desencadeada por Jin, o exército oficial, comandado por Leo, aparece para resolver a situação. Leo propõe a Mei um desafio, o *jogo do eco* – no qual o oficial lança um grão de feijão que fica ricocheteando tambores dispostos em círculo. No interior do círculo – mais exatamente em seu centro – se encontra Mei, a qual, com muita precisão, toca as longas mangas de sua roupa nos pontos exatos do tambor nos quais o grão colidiu, como se realmente fosse um eco. Ato contínuo, Mei acaba desmascarada, sendo levada para prisão. Jin – em concordância com o plano – invade a cela e liberta Mei, ajudando-a na fuga. Dessa forma, Jin espera ganhar a confiança da fugitiva, para que a mesma o leve ao esconderijo do Clã. No início alguns soldados oficiais os perseguem como parte do plano, a fim de torná-lo ainda mais verossímil. Posteriormente, o rei, sabendo dos acontecimentos, envia soldados para, de fato, matá-los. A trama se torna bastante dinâmica, com belas cenas de luta. Nesse contexto de crescente perigo – no qual a vida de ambos está em risco – Mei e Jin se apaixonam profundamente. Jin acaba por descobrir que Mei não é cega e, também, que Leo é um membro do Clã infiltrado no exército. Tudo na verdade fazia parte do plano para enfraquecer o império. Após a sucessão de revelações, a composição da trama afetiva se apresenta em plenitude: Leo, amante e apaixonado por Mei, sente-se enciumado, ameaçando matar Jin, caso este último seja escolhido pela amada. Mei, temendo pela vida de Jin, manda-o embora. Este acede, mas, refletindo durante sua jornada, renova a disposição para lutar por seu amor, retornando para buscar Mei. Esse é o encaminhamento a partir do qual se alcançará o clímax: um triângulo amoroso entre os personagens Jin, Leo e Mei, o qual termina no sacrifício dessa última em nome do amor e da liberdade.

De um modo bastante sumário, tal é a narrativa da película, a qual, como autêntica obra de arte – concebível “*como educação ou (...) como expressão*” (ABBAGNANO, 2003, p. 373) –, permite o despertar de reflexões profundamente inscritas no domínio afetivo, caracterizando uma genuína experiência estética:

“A apreciação da arte propicia a mais complexa e intensa forma de experiência estética (...) A habilidade para reagir esteticamente e a oportunidade para apreciar a arte são

importantes componentes do bem-estar. Um mundo sem qualidades estéticas seria um mundo inferior (...).”

(GARDNER, 2002, p. 229)

É possível articular tal delimitação ao entendimento de Aristóteles, no comentário às vivências produzidas pela tragédia – “*o terror e a compaixão podem nascer do espetáculo cênico*” (ARISTÓTELES, 2005, p. 17) –, o que impele o espectador ao movimento próprio de pensar as questões apresentadas e, igualmente, as próprias questões que lhes são caras. Desde esta perspectiva, pode ser destacado que os filmes de cinema – à semelhança da tragédia – podem provocar vivências inscritas na emoção, as quais se constituem em potentes *gatilhos* para despertar a reflexão sobre a vida e a realidade, abrindo a genuína possibilidade de se *fazer filosofia* com os filmes, inscritas na – mas também para além da – experiência estética:

“É claro que simplesmente ver o filme, como recomendava Fellini a seus críticos mais intelectuais, não é, per se, fazer filosofia, nem configura nenhum tipo de saber: trata-se, somente, de uma experiência estética ou social. Para fazer filosofia com o filme, precisamos interagir com os elementos lógicos, entender que há uma ideia ou um conceito a ser transmitido pela imagem em movimento.”

(CABRERA, 2006, p. 22)

A reflexão instaurada pelo cinema – e/ou a perspectiva de se fazer filosofia com essa modalidade de expressão artística – permite o questionamento de distintas dimensões da vida, abrangendo, por exemplo, a ciência (SIQUEIRA-BATISTA *et al.*, 2009a; ALVES FERREIRA *et al.*, 2009), a política (FONSECA *et al.*, 2014) e a bioética (NETTO CÉZAR *et al.*, 2011).

No que concerne à bioética, cabe breve caracterização da disciplina. Trata-se de uma área do conhecimento – proposta pelo oncologista Van R. Potter, em 1970 – dirigida originalmente à busca de respostas para a deterioração das relações homem-natureza, cujos objetivos principais seriam a garantia e a perpetuação da espécie humana e da sua qualidade de vida (POTTER, 1970). O mesmo autor, em seu livro *Bioethics: bridge to the future* (POTTER, 1971), concebe a bioética como a ‘*ponte*’

(figura 1) entre a ciência da natureza e as humanidades, ou seja, o conhecimento biológico e os valores humanos.



Figura 1. A *Ponte Japonesa* (The Japanese Bridge) c. 1923-1925 (France, Europe).
Claude Monet. *The Minneapolis Institute of Arts*, USA.
Disponível em: <https://collections.artsmia.org/index.php?page=detail&id=1413>

De forma distinta, A. Hellegers, fundador do *Kennedy Institute of Ethics*, na década de 1970, utilizou-se do termo para definir uma nova ética biomédica, lídima extensão da ética médica (HELLEGERS, 1975). Embora a bioética possa ser compreendida como um movimento típico das sociedades democráticas contemporâneas, sua inscrição na tradição ética ocidental – como uma das éticas aplicadas (REICH, 1995) – deve ser destacada. É relevante ponderar, igualmente, que nesses mais de quarenta anos, a disciplina tem adquirido diferentes conformações teóricas (REGO *et al.*, 2009), ainda que não tenha deixado de se orientar para a discussão da moralidade das ações humanas, articulando duas dimensões – (1) *descritiva* e (2) *normativa* –, as quais permitem, respectivamente, explicitar os conflitos e propor a melhor forma de agir ante os mesmos. Com efeito, a bioética ocupa-se de analisar os argumentos morais relativos a determinadas práticas humanas, que afetam a qualidade de vida e o bem-estar dos humanos – e, igualmente, dos demais seres –, como

ponto de partida essencial para a tomada de decisão (SIQUEIRA-BATISTA *et al.*, 2009b).

Há diferentes temáticas no *espaço de análise* da bioética contemporânea, incluindo, especialmente, (1) o *início* e o *fim* da vida – por exemplo, aborto e eutanásia –, (2) as *pesquisas científicas* – envolvendo seres humanos, animais não-humanos e outras formas de vida –, (3) a *saúde pública* – destacando-se as interfaces com a Estratégia Saúde da Família e os debates sobre bioética, justiça distributiva e alocação de recursos –, e (5) a *ecologia*, abrangendo a preocupação ética com o meio ambiente (MOTTA *et al.*, 2012).

Todas essas questões podem ser convenientemente abordadas a partir do cinema, uma vez que as películas muitas vezes mostram situações bem próximas do cotidiano do espectador, instando-o a rever posturas, considerar novas hipóteses ao analisar a situação do outro, aspectos que potencializam, muitas vezes, o abandono de ideias pré-concebidas e não defensáveis eticamente pela argumentação (NETTO CÉZAR *et al.*, 2011). Com base nessas conjecturas, é possível pensar em termos bioéticos – ou, quiçá, *fazer bioética* – com *O Clã das Adagas Voadoras*, especialmente ao se considerar aspectos do debate moral sobre o fim de vida, conforme se procurará demarcar a seguir, em uma composição entre bioética e estética.

FINITUDE E LIBERDADE: DISPERSÃO NO INFINITO

O Clã das Adagas Voadoras é, também, um filme acerca da liberdade – ou, nas palavras de Jin, sobre *ser como o vento* – temática que está presente em toda a narrativa, especialmente quando Mei, pouco antes de morrer – vítima de uma adaga lançada por Leo –, exprime o próprio posicionamento acerca dessa perspectiva:

“Mei: *Eu sabia que você ia fazer isto.*”

Leo: *Você sabia e, mesmo assim foi embora. Por quê? Por que você foi embora? Por quê?*”

Mei: *Para poder ser livre como o vento.*”

Esse diálogo evidencia a decisão de Mei: amar para além do medo do fim, assumindo a morte como libertação. O reconhecimento da própria finitude – a partir de uma decisão, quiçá livre, do indivíduo autônomo – estabelece um binômio, *finitude /*

liberdade, o qual pode ser considerado central para todo e *debate bioético sobre o fim da vida*, na medida em que se afirma a decisão, livre, de abandonar uma vida que não vale mais a pena ser *vivida* (ou ser *sofrida*), do ponto de vista de sua titular. De fato, de uma perspectiva bioética tem se ponderado que a consciência de que se está morrendo – especialmente no contexto de uma doença grave e incurável ou de um sofrimento insustentável – representa uma experiência de grandes sofrimentos e desafios, ou seja, uma genuína tomada de consciência da efemeridade da existência. Sofre-se não apenas (1) pela deterioração clínica que, muitas vezes, acompanha a evolução de uma moléstia grave e incurável – a dor, por vezes insustentável, capaz de preencher a existência daquele que a vivencia –, mas, igualmente, (2) pela iminência do fim – a perspectiva de aniquilação, o pavor do desconhecido, a compreensão de que o futuro, em última análise, não existe (sobre ele nada se sabe, nem ao menos se virá) (3) pelo abandono e (4) pelo desamparo tão intrínseco à condição humana. Em tais circunstâncias, é importante reconhecer que quando a própria extinção passa a ser uma questão de tempo, o estabelecimento de uma conversação com aquele que sofre pode proporcionar conforto nesse percurso de padecimento e insegurança, de modo que o enfoque passa a ser centrado em ajudar o indivíduo a morrer com dignidade. Trata-se de requerer para si o direito de ir ao encontro da morte, certeza inexorável, desconhecida e imponderável.

Assim, a protagonista, ante a angústia decorrente da impossibilidade de seguir a vida da maneira como gostaria, deixa que sua morte aconteça – retirando a adaga encravada em seu peito, lançando-a para salvar Jin, seu amado, prestes a morrer pelas mãos de Leo. Libertar-se da dor de prosseguir sem Jin – em uma existência tornada insuportável – tal é a decisão final de Mei, no limiar da eternidade (figura 2). Eis uma *imagem-criação* que permite pensar acerca da *boa-morte* – a eutanásia, *morte sem sofrimento* – a qual pode ser enunciada como *a abreviação do processo de morrer de um enfermo, por ação ou não-ação, com o objetivo último de aliviar um grande e insuportável sofrimento* (SIQUEIRA-BATISTA e SCHRAMM, 2005).

Ao contrário, para os dois guerreiros, não é dada a possibilidade da morte. Mesmo digladiando – e ferindo-se mortalmente – eles subsistem, como em uma dupla morte, ou em uma morte em vida. Leo e Jin encontram-se encarcerados, em uma dupla morte, uma *dis-tanásia* – de fato, etimologicamente o termo *distanásia* contém a ideia de “dupla morte” ($\delta\iota\varsigma$ = dificuldade, privação // $\delta\iota\sigma\theta\alpha\nu\acute{\eta}\varsigma$ = adjetivo: que morre duas vezes; no latim, *dis* se refere à separação e à negação) – carregando o peso da

responsabilidade pela morte de Mei. Em termos bioéticos, é entendida como perpetuação da vida por meio de abordagem terapêutica desproporcional, levando a um processo de morrer prolongado e com padecimento físico ou psicológico, isto é, “*de um aprofundamento das características que tornam, de fato, a morte uma espécie de hipermorte*” (SIQUEIRA-BATISTA e SCHRAMM, 2005). Mortos e vivos – assim se encerra o filme, com ambos capturados pela paisagem glacial – entregues ao próprio sofrimento.

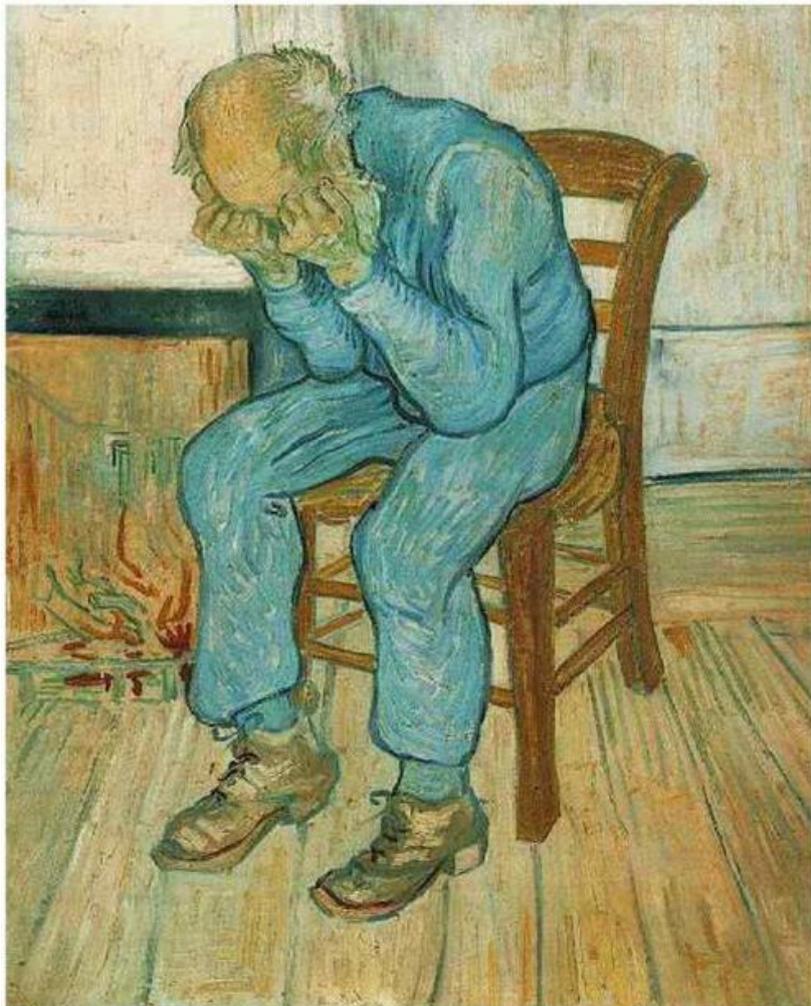


Figura 2. *Velho a sofrer (no limiar da eternidade)* [Old Man in Sorrow (At Eternity's Gate)], 1890; Saint-Rémy. Vincent Van Gogh. Otterlo, Rijksmuseum Kröller-Müller.
Disponível em: http://www.wga.hu/html_m/g/gogh_van/14/

Não se trata, evidentemente, de afirmar que o ocorrido com Mei e com Jin/Leo diz respeito, respectivamente, à eutanásia e à distanásia. De outro modo, toma-se o filme para *fazer bioética*, entendendo que a morte de Mei pode ser formulada como imagem da eutanásia/libertação e a *não-morte* – ou a *hipermorte* – de Leo e de Jin, como metáfora da distanásia/grilhão.

Mei encontra a libertação, quiçá em uma *boa-morte*, tênue linha – interface – entre a finitude do eu – sujeito – e a própria dispersão final. Sob esse ponto de vista pode-se tecer a aproximação da morte – *termo da vida* – com o infinito. A escolha por uma boa morte – *eu-tanásia* – perpassa, então, o fim dos padecimentos causados por uma existência insuportável e penosa de ser vivida, que aos poucos consegue impor ao indivíduo a uma “subvida”. A *eutanásia*, nessas circunstâncias de profundo e inconsolável sofrimento, pode ser entendida como um legítimo ato de libertação – torna-se *livre como o vento* – em termos da reflexão e da transformação de si, a partir do confronto com a realidade:

[...] A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo...

(FREIRE, 2004, p.32)

A morte, liberdade, dispersão no *infinito*, como o vento. Com efeito, a protagonista lança-se no incognoscível – a própria morte, por definição, é inacessível ao conhecimento: *antes do passamento, há consciência, mas não há morte; após o ocaso, há morte, mas não há consciência* – intrínseco à experiência humana de existir: o infinito (SIQUEIRA-BATISTA, 2009). Eis o incompreensível – como a morte – por excelência, de acordo com a própria definição de infinito de Antonio Houaiss, ou seja, *tudo aquilo que transcende o entendimento humano* (HOUAISS, 2001). É precisamente neste âmbito que se pode aproximar a morte do infinito, na medida em que ambos são inacessíveis, ante a finitude humana.

Nestes termos, o modo de se libertar de uma existência considerada miserável é entregar-se à *boa-morte*, salvando-se da angústia de dias e noites preenchidos pela dor e pelo desespero – ou seja, perder-se no infinito anunciado em cada homem / em cada mulher. Este é o seu infinito íntimo – a causa e o efeito da libertação –, simples *pensar a eternidade imóvel*, tão somente voar:

“Nobre é no silêncio noturno
Quando o espírito pálido percebe
As tesouras da morte se movendo
Palpar o que Deus desdobra na penumbra

*Ao homem que de joelhos aceita.
Nobre é no silêncio noturno
Captar o que da antiga origem recebemos,
Pensando a imóvel eternidade.
(...)
Suave é no silêncio noturno
Voar sem mecânica das asas,
Voar sem remover a vidraça do quarto,
Voar sem observação e pela fé.”*

(MENDES, 1995, p.124)

O percurso da personagem Mei, da aventura – na qual ela luta por um ideal – ao fim trágico. Expressão do exercício da liberdade, consciente que sua escolha a levará à morte, para poder *voar como o vento*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se organiza como uma reflexão bioética, mediada pelo filme *O Clã das Adagas Voadoras*, sobre o fim da vida, relevante temática contemporânea no domínio da saúde pública.

A *imagem em movimento* da película permitiu – a partir do desenlace trágico, clímax da narrativa – a perspectiva de *fazer bioética* em torno do debate sobre o fim da vida, tendo em vista a *não-morte* de dois dos protagonistas – Jin e Leo – como metáfora da *distanásia*, e a *morte-libertação* de Mei, como *símbolo* de uma boa-morte, *eutanásia*. A decisão heróica de aceitar “*as tesouras da morte se movendo*” ou de “*voar sem mecânica das asas*” é expressão máxima do passo adiante ao *infinito íntimo*, exercício da *liberdade* por decidir pela boa-morte e reconhecer a própria *finitude*, em uma genuína afirmação *da vida que vale a pena ser vivida...* permitindo-se, no descerrar das cortinas, a poética de ser *livre como o vento*.

*“Por muito tempo fui folha levada ao vento
com o tempo eu aprendi. Aprendi a ser o vento.”*

(Amauri Adolfo, poeta agricultor agroecológico)

AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos ao CNPq e à FAPEMIG pelo apoio financeiro à pesquisa.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

R Siqueira-Batista elaborou o argumento central do presente artigo, orientando JO Fonseca e AF Bernini na elaboração da primeira versão do texto. Ato contínuo, AP Gomes e R Siqueira-Batista procederam a revisão crítica do artigo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ALONSO, Juan Pedro. Incertidumbre, esperanza y corporalidad en el final de la vida. *Physis*, v. 20, n. 2, p. 515-532, 2010.
- ALVES FERREIRA, R.; ANDRADE, T. S.; RÔÇAS, G.; HELAYËL-NETO, J. A.; SIQUEIRA-BATISTA, R. *Cinema e ensino de física*. Anais do XVIII Simpósio Nacional de Ensino de Física. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2009. v. 1. p. 1-8.
- ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto do Idoso / Ministério da Saúde. – 1. ed., 2.^a reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- BRASIL. *Saúde Brasil 2011: uma análise da situação de saúde e a vigilância da saúde da mulher*. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. 444 p.: il. Cap. 8: Mortalidade entre idosos no Brasil: tendências em 20 anos (1991 a 2010).
- CABRERA, Julio. *O cinema pensa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 11, n. 2, 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 07 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>.
- DATASUS, 2010 disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>, acessado em 08 de maio de 2014.
- DUCA, Giovâni Firpo Del; NADER, Gisele Alsina; SANTOS, Iná S.; HALLAL, Pedro C. Hospitalização e fatores associados entre residentes de instituições de longa permanência para idosos. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 26, n. 7, p. 1403-1410, 2010.
- KIRK, G. S; RAVEN, J. E, SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos: História crítica com seleção de textos*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1994.
- FONSECA, Julia de Oliveira; BERNINI, Alesson Filipi; GOMES, Andréia Patrícia; SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. O Cinema de Charlie Chaplin: arte e libertação. *Revista de Extensão Guará*, 2014 (submetido).
- FREIRE P. *Pedagogia do oprimido*. 38^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 32.

GARDNER, Sebastian. *Estética*. In : BUNNIN, Nicholas, TSUI-JAMES, E. P. Compêndio de filosofia. São Paulo : Loyola, 2002.

HELLEGERS, Andre. Problems in bioethics: the etiology of bioethics. *Obstetrics and Gynecology News*, v. 10, n. 20, p. 14, 1975.

HOUAISS A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.

IBGE, 2010 disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>, acesso em 03 de maio 2013.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 124.

MOTTA, Luciana Branco da; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. *Ciência & saúde coletiva*, v.12, n. 2, p. 363-372, 2007.

MOTTA, Luís Cláudio S.; VIDAL, Selma V.; SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. Bioética: afinal, o que é isto? *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, v. 10, p. 431-439, 2012.

NETTO CÉZAR, Pedro H.; GOMES, Andréia P.; SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. O cinema e a educação bioética no curso de graduação em Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 35, p. 93-101, 2011.

POTTER, Van R. Bioethics, science of survival. *Perspectives in Biology and Medicine*, v. 14, n. 1, p. 127-53, 1970.

POTTER, Van R. *Bioethics, a bridge to the future*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1971.

REICH, Warren Thomas. *Encyclopedia of bioethics*. Mac Millan Library, 1995

REGO, Sérgio; PALÁCIOS, Marisa; SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. *Bioética para profissionais da saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; GOMES, Andréia P.; ALBUQUERQUE, Verônica. S.; MADALON-FRAGA, Rodrigo; ALEKSANDROWICZ, Ana Maria C.; GELLER, Mauro. Ensino de imunologia na educação médica: lições de Akira Kurosawa. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, p. 186-190, 2009a.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; GOMES, Andréia P.; RÔÇAS, Giselle. Ética para todos os seres e ecologia profunda: um preliminar diálogo com relevância para a saúde pública. *Caderno Saúde Coletiva (UFRJ)*, v. 17, n. 3, p. 529-544, 2009b.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; SCHRAMM, Fermin R. Conversações sobre a "boa morte": o debate bioético acerca da eutanásia. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 21, n.1, p. 111-119, 2005.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. *Infinito íntimo: eutanásia e libertação*. In: CARVAJAL, E.; MORAES, P. F. C.; PEGORARO, O. A. Células-tronco e eutanásia: potencialidades e limites. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 105-128.

WONG, L. L. R. & CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 23, n.1, p.5-26, 2006.

YIMOU, Zhang. *O clã das adagas voadoras [Shi mian mai fu]*, 2004.